Ideia de Europa: o outro e o eu. Imagens circulantes no noticiário da América Latina

Lídia Nunes Cunha[1]

Resumo: presente estudo procurou compreender que ideias de Europa circulam hoje fora do continente europeu. Para isso elegeu dois veículos de comunicação de massa, a saber, TelesurTv e Folha de São Paulo, ambos com linhas editoriais distintas e editadas a partir de duas grandes cidades da América Latina: Caracas na Venezuela e São Paulo no Brasil. Sem pretensão de explorar em dimensão e profundidade o tema, tem como delimitação cronológica os meses de junho e julho de 2008. A principal fonte de pesquisa foi a rede mundial de computadores - internet. Teoricamente dialoga com o antropólogo Paul Rabinow e algumas construções teóricas da dissidência do leste europeu, István Bibó e Jan Patocka. Também busca referência nos trabalhos publicados pelas revistas Estudos do século XX e Debater a Europa, ambas do CEIS 20 da Universidade de Coimbra. Oito categorias de análise orientaram a classificação das notícias. Relacionam-se com as diferentes ideias de Europa que encontrei na literatura acadêmica especializada: guerra, paz, economia, conhecimento / ciência, cultura, resistência, geografia e espiritual. As conclusões parciais revelam a viabilidade e importância dos mídias para entender os padrões de percepção do outro e como são operacionalizadas tais percepções para grandes públicos sempre a partir do resgate e do confronto constante entre o presente e o passado.

Palavras-Chave: Imagem de Europa, Outro, mídias.

> Quer fosse a propensão, que o homem herdou da natureza, para procurar outro homem e viver em sociedade, evitando as incomodidades e o enojo da solidão; quer uma encadeação necessária das coisas, dimanada do amor conjugal entre estes e seus filhos; quer fossem as necessidades da vida, e o desejo de fazê-la cômoda e agradável; quer a prudência de pôr-se acoberto dos males, que se podiam temer dos outros homens; quer finalmente outras causas, que ainda não lembraram aos filósofos e publicistas, o que obrigou aos primeiros pais de famílias a renunciarem à independência do estado natural, e irem formar as sociedades civis; estabelecidas estas, não se dirigem a outro fim que o bem da espécie humana, sua existência cômoda e feliz, o aumento e perfeição de suas faculdades físicas e Morais. Frei Caneca, 1823, Recife, Brasil.

Esse pequeno ensaio tem como objetivo verificar que visões de Europa circulam atualmente fora do continente europeu. Tem em conta, porém, ser um trabalho introdutório que não explorou em dimensão e profundidade o que o tema exige e necessita, mas apenas enveredou-se inicialmente nele. Desse modo, a delimitação geográfica corresponde a América Latina, a cronológica aos meses de junho e julho de 2008 e as fontes privilegiadas um jornal e uma televisão de grande público e capacidade de circulação, a saber: a Folha de São Paulo com sede na cidade de São Paulo, Brasil e a TelesurTv com sede em Caracas na Venezuela.

[1] Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Doutoranda em História da Educação da Universidade de Lisboa - UL

Nosso acesso ao material foi realizado exclusivamente por intermédio da rede mundial de computadores - internet. Com a chamada "*Europa 2008*" (Folha de São Paulo e Telesutv) e "*inmigración Europa*" (TelesurTv), realizei a busca de notícias sobre *Europa* nos motores de pesquisa fornecidos pelos próprios sítios oficiais dos dois meios de comunicação na rede de computadores. Para buscas no motor da TelesurTv, acrescentei mais uma chamada já que a primeira não forneceu muitas notícias sobre o período junho de 2008, mês em que o Parlamento Europeu aprovou uma nova Lei de Imigração, denominada *Diretiva de Retorno*, com o objetivo declarado de incentivar a imigração legal e proibir a imigração ilegal. Essa necessidade não se fez sentir em relação ao motor de busca da Folha de São Paulo.

Ainda a respeito dos motores de busca, é importante destacar o maior volume de informação armazenada, organização por data e velocidade do jornal brasileiro cuja razão mais plausível é de ordem técnica. No entanto, os maiores recursos tecnológicos desse *site*, gerou apenas um diferencial quantitativo que não chega a influenciar diretamente os resultados de nossa investigação. A escolha dos meses de junho e julho de 2008 tem como razão, além da nova diretiva para tratar dos assuntos de imigração, a posse do presidente francês Nicolas Sarcosy à frente rotativa da União Européia em 1 de julho de 2008, menos de um mês após a aprovação da Diretiva no dia 18 de junho do mesmo ano. Coincidência ou não, o presidente Sarcosy tem na França um histórico de propostas reguladoras da imigração desde 2002, quando ministro do interior do governo Jacques Chirac, que instaurou "medidas severas de segurança, aumentando a fiscalização de documentação de imigrantes e a tensão entre o governo e essa parcela da população"[2].

Esses dois momentos, pela abrangência e importância que os caracteriza, fez com que notícias sobre Europa aparecessem com maior freqüência, especialmente na TelesurTv, que em termos de notícias internacionais privilegia, por razões mais ou menos óbvias, as que se referem aos Estados Unidos. Por outro lado, também aumentou o número de reportagens mais "críticas" sobre questões européias na Folha, principalmente quando ocorreram fatos qualificados pelo jornal como de discriminação a brasileiros no exterior[3] e no tocante a Diretiva de Retorno[4].

[2] Aquino, Celina e Souki, Letícia. *A França e os imigrantes: uma questão atual*. In: http://www.dcs.pucminas.br/coreu/omundo/index.php?page=noticias/a-franca-e-imigrantes. Consulta em 31/1/2010.
[3] Brasileiros estão entre os principais atingidos por lei. Folha de São Paulo, Mundo, 19/6/2008.
[4] Fortaleza Europa: da globalização, a EU só quer as vantagens; por elas parece disposta a sacrificar as suas mais admiradas tradições. Folha de São Paulo, Opinião, 20/6/2008.

Certa de que a trajetória de cada um desses meios de comunicação de massa é relevante para a compreensão das diferentes visões de Europa que suas notícias fazem chegar a uma enorme população fora do Continente europeu, mas, não raro afetada pelas práticas políticas e visões de mundo aqui elaboradas, apresento em linhas gerais, um pouco da história de cada uma dessas empresas.

II- Folha de São Paulo e TelesurTv: histórias e propósitos

A Folha de São Paulo é de longe mais antiga. Nascida em 1921 com o nome Folha da Noite, tem um percurso de mais de 80 anos dentro do território brasileiro apesar de ser um jornal de notícias eminentemente paulistas. Identificado com os setores conservadores desde o seu início (a aristocracia cafeeira de São Paulo), faz parte do grupo Folha que hoje abrange um conglomerado de várias empresas como o *Datafolha* (instituto de pesquisa), a *Universo Online* (UOL) fruto da fusão do grupo Folha com o grupo Abril que em 1999 passa a operar em língua espanhola, alcançando vários países da América Latina (Argentina, México, Venezuela, Colômbia, etc) e outros periódicos como o *Agora*, criado em 1999 para substituir o antigo *Folha da Tarde* e o *Folha da Manhã* que nesse mesmo ano se funde com a Infoglobo Comunicações para criar o *Jornal Valor* voltado para assuntos de Economia.

Na opinião do jornalista Mino Carta, até o início dos anos 60 foi um jornal sem grande expressão tanto no cenário paulista como no cenário nacional, situação que será alterada no contexto dos anos anteriores ao golpe militar de 1964 e durante ele (Carta, 2009)[5]. Nesse período a Folha, recém adquirida pelos empresários Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, prosperará sob a tutela do estado ditatorial ao permitir que suas páginas se tornem "um dos principais instrumentos da conspiração golpista" segundo muitos de seus críticos. Mas não somente isto. Os veículos que lhes pertenciam e sua própria sede teriam sido utilizados pela polícia repressora para torturar aqueles que se opuseram ao regime (Mino Carta[6], 2009; Luiz Cláudio Cunha[7], 2010; Evandro Carlos Lacerda[8], 2000). Resultou deste casamento entre o veículo de comunicação e o regime militar, o acesso a amplas concessões e benefícios financeiros oriundos dos cofres públicos para o primeiro, em troca do silenciamento e retenção da informação, beneficiária ao segundo. Com a abertura política dos

[5] Anexo 1.
[6] Jornalista e criador da Revista Carta Capital, em circulação.
[7] Jornalista e autor do livro Operação Condor: o seqüestro dos uruguaios. Segunda edição em 2009.
[8] Ex-Diretor de Jornalismo da Rede Globo.

anos 80, o Jornal passa de repente a apoiar o movimento *Diretas Já*[9] uma vez que tudo indicava o fim do regime de exceção. No entanto, sua visão nitidamente conservadora continua aliando-se com os grupos mais resistentes a mudanças estruturais no país e na América Latina como um todo.

Em comparação com a Folha de São Paulo a TelesurTv dar apenas os primeiros passos. Criada em 2005, ela é um canal de televisão multiestatal, com financiamento oriundo de seis países latino americanos: Venezuela, Argentina, Cuba, Uruguai, Equador e Nicarágua[10]. O Brasil não participa desse financiamento apesar do presidente Luis Inácio Lula da Silva apoiar a iniciativa que se originou de uma proposta do governo venezuelano através do presidente Hugo Chaves. O presidente brasileiro preferiu criar a TVBrasil Canal Público Internacional, sustentada pelo estado brasileiro e destinada ao público da América do Sul, com as mesmas intenções que levaram a criação da TelesurTv. Esta também nova televisão brasileira estabeleceu que daria "apoio logístico e troca de conteúdos" como forma de parceria entre ela e a TelesurTv, nas palavras do presidente da Radiobras Eugênio Bucci[11].

A Telesurtv foi criada com o objetivo de integrar os povos da América Latina e promover um novo olhar sobre o continente a partir dele mesmo. Para os diretores da nova televisão a América Latina vista pelo norte tem uma imagem viciada, pouco esclarecedora e estereotipada, razão pela qual as mensagens veiculadas através de suas redes de televisão, rádio e internet, não corresponderem aos interesses de unidade e integração da região. Desse modo, propõem, através de sua programação, que os povos do sul tenham possibilidade de construir ferramentas próprias que desconstruam dentro de si as imagens destorcidas com que os povos do continente foram treinados a se enxergar. Imagens vindas e impostas do estrangeiro (SANTOS, 205).

Com um slogan - "Nuestro norte es el sur" – exprime a intenção de se apresentar como uma televisão alternativa que estará a privilegiar a cultura e a história de América Latina e com isso contribuindo para a formação de cidadãos mais "críticos, informados y participativos dentro de la sociedad"[12]. Sua principal missão é, desse modo, ser um meio de comunicação de vocação social, que se propõe a promover a união dos povos do sul e construir uma nova ordem em termos de comunicação[13]. No entanto, ela não estará servindo apenas a formação e informação dos povos do sul, antes, devido ao alcance de sua cobertura

[9] Movimento que reivindicou no início dos anos 80, eleições diretas para a escolha do presidente da república.
[10] Os dois últimos países entraram no consórcio posteriormente.
[11] Shttp://casadosjornalistas.blogspot.com/2005/08/al-jazira-latina-telesur-pretende_17.html
[12] http://www.telesurtv.net/noticias/canal/index.php. Consulta em 2/2/2010.
[13] idem

para outros continentes, pretende a partir do Sul contribuir com a formação e informação de todos os povos do globo[14].

Como vemos, há nítidos distanciamentos entre os dois meios de comunicação no que respeita a sua missão, seus objetivos, suas visões de mundo e quanto à função e relação que a comunicação deve exercer junto a seu público. É desse modo que acreditamos ser o noticiário desses dois veículos de notícias um excelente meio para compreendermos como as visões de *Europa* são construídas/reconstruídas, formadas e divulgadas fora do continente europeu. Parto do pressuposto de que tais olhares são circulantes, ou seja, constituídos por Europa que através da simbologia dos mares o fez circular desde tempos remotos. Essa imagem foi aos poucos sendo imposta, interrogada, relida, imitada, negada e questionada não apenas no interior do nebuloso limite geográfico de Europa, mas no mundo inteiro por onde as águas a permitiu chegar.

Evidente que esse olhar que circula através dos meios de comunicação de massa, não podem se constituir na única fonte sobre as visões de Europa fora do continente europeu. Mesmo assim, como já expressou Dante Moreira Leite, ela "... pode servir para organizar e orientar as percepções mais complexas. Nesse sentido, a comunicação de massa pode contribuir para a formação de predisposições (sets) intelectuais, já sugeridas no caso das descrições antropológicas" (2007). Dito isso, não é demais repetir que esse trabalho tem um valor propedêutico uma vez que poderá servir de introdução para investigações que se construa a partir de um maior rigor teórico-metodológico e mais tempo para a sua execução.

III- A trajetória de Europa

Por que recorrer à longa epígrafe acima, escrita por Frei Caneca no segundo decênio do século XIX, em terras tão longínquas e distintas de Europa para falar de Europa? Por que recorre o autor a palavras como solidão, amor conjugal, filhos, vida cômoda, agradável e feliz, prudência, acobertar-se do mal, temor, pais de família, sociedades civis?

Para além dos mares percorridos por Europa na mitologia grega do *rapto*, ao evocar uma Europa mitológica que é ao mesmo tempo íntima de uma Europa geográfica, a utopia ou sonho da felicidade, seja talvez a razão de tantas europas possíveis que ao longo da história se foi construindo. Mas essa utopia não se confinou a fronteiras artificialmente traçadas, nem tão pouco, apesar de muitos a terem feito parecer assim, caracteriza-se por um único caminho possível. A utopia da felicidade, assim como os caminhos percorridos por Europa montada

[14] idem

em Zeus atravessou mares, nota-se desejada por outrem, é ela também a busca de milhares e milhões de pessoas, é razão de uma pluralidade de idéias, criações e caminhos diversos a serem trilhados em busca de sua concretização.

O sonho de felicidade de Europa - acobertar-se do mal e livrar-se da solidão, por exemplo - não a escapou do "pecado talvez mais original [de] querer configurar o mundo a sua imagem e semelhança" conforme palavras do professor Estanqueiro Rocha (2004, 16). Apesar de não concordar com a idéia de que, segundo o professor, os povos da América ao se separarem da Europa não retornaram as suas tradições tribais originárias, mas, antes, se apegaram eles também as idéias que nasceram na Europa, como que suas primeiras tradições fossem essencialmente limitadoras da utopia da felicidade, o certo é que este sonho provavelmente não faça parte de uma índole ou essência de Europa, mas do humano em sua essência que, tendo-o largado em algum lugar ou sido levado a isso por alguma circunstância, tenta recuperá-lo ora a todo custo, ora a algum custo, ora a custo nenhum. Mas isso, o próprio T. Morus e Rousseau desenvolveram bem em seus escritos.

Se esta utopia perdida, muitas vezes se confunde com a visão cristã da expulsão do Paraíso, Paraíso esse judaico-cristão, singularizado, em boa parte de sua história pouco afeto ao diálogo, representado por uma igreja que nas palavras de Bibó agiu "sem sabedoria e sem democracia" desvirtuando assim o sentido da civilização européia (Kende, 2000), ela é ao mesmo tempo razão. Razão de continuar a sonhar, de reencontrá-la e talvez, de reerguer o ânimo destroçado mesmo após toda a desesperança dos primeiros anos do século XX.

Claro que se pode argumentar, especialmente na atualidade, que em lugar da esperança de ser feliz, melhor seria escrever necessidade. Não de ser feliz, mas mesmo de sobreviver à fatal sucumbência do cotidiano que, mais do que a felicidade, parece a mola propulsora de todas as atitudes que visam dar um **novo** sentido (e não lhes recuperar), do que um dia definiu na consciência de muitos[15] a marca da civilização européia. Necessidade ou felicidade? Qual das entidades é transversal a todas as interpretações de Europa seja ela da paz, da guerra, espiritual, intelectual, econômica, cultural e porque não, uma Europa da resistência?

Se a necessidade for o eixo comum que perpassa as muitas interpretações e projetos de Europa, somos obrigados a aceitar que *Europa da Guerra* foi antes de tudo fruto de uma necessidade. Nesse caso, a necessidade basilar que os registros históricos nos levariam a concluir, seria a de isolar-se, eliminando toda e qualquer ameaça a sua "paz", adotando uma única via de solução e interpretação da realidade. O sonho de convivência de uma Europa

[15] Patocka, Bibó, Habermas e muitos outros.

múltipla como de fato sempre foi, seria totalmente impensável e inviável. Desse modo, a necessidade como eixo comum que daria razão a existência de Europa não faria mais que deixá-la em constante estado de guerra, adiando ela mesma a utopia da paz, esta sim, necessária.

Vista sob esse prisma, a utopia de uma vida "agradável e feliz", sonho que perseguiu os antigos desde a idade clássica ou mesmo antes, deve ainda ser o ponto em comum, o fio que guia o Minotauro até a saída do labirinto sem que o leve à morte, mas, à felicidade. Se hoje podemos falar de uma diversidade de significados, significantes e sentimentos para a palavra Europa, talvez não seja errado afirmar que em todas elas, até mesmo no significado mais sórdido de uma *Europa da Guerra* seja possível encontrar em sua origem a utopia da felicidade, nesse caso, evidentemente distorcida e a serviço do mal.

No entanto uma questão fundamental continua. É, essa utopia materializada na busca da liberdade e da justiça, um traço essencial de Europa ou seria mais próprio dizer que o que Europa gestou foi uma maneira localizada no tempo e no espaço de lidar com questões essenciais ao humano esteja ele onde estiver? Dessa maneira, seu caminho em busca da utopia seria mais um dentre tantos outros que tem o mesmo objetivo. Suas respostas seriam antes de tudo para si e ao mesmo tempo disponibilizadas ao outro. O outro que partilhou e teve caminhos partilhados. Indicou e lhes indicaram atalhos. Ofereceu e recebeu pistas. Seguiu ou preferiu instalar-se e em todo o percurso, acertou, errou e trocou conhecimentos.

Talvez essa a utopia do mundo. Especialmente entre povos do mundo ostensivamente descrito por Europa que no afã de encontrar o seu feliz destino, não raras vezes formatou para si uma imagem, que se espalhou por todos os mares e paragens onde atracou. Desse modo, ao difundir uma auto-imagem unitária, esta se espalhou em detrimento da própria diversidade cultural, étnica e lingüística verificada no interior de seus limites fronteiriços, além de ter congelado a imagem do outro como o seu oposto, distante, não imitável e inferior, incapaz mesmo de pensar sobre si e decidir o seu destino.

O antropólogo Paul Habinow, ao analisar o tema da descrição do outro na antropologia, questão diretamente relacionada ao lugar da epistemologia no fazer do antropólogo, apresentou como "estratégia de pesquisa" uma lista de procedimentos a considerar. Composta de quatro itens faço referência a duas delas mesmo que até certo ponto todas estejam interligadas. Para ele, antes de tudo "a epistemologia deve ser vista como um evento histórico – uma prática social (...), uma entre muitas outras"(2002, 80), ou seja, se todo

evento é histórico, ele se articula e se realiza com o que ocorre ao seu redor, não é excepcional nem dadivista. Pensando desse modo, o autor vai mais longe e esclarece:

> necessitamos antropologizar o ocidente: mostrar quão exótica tem sido a sua constituição da realidade; enfatizar aqueles domínios tidos como universais (isto inclui a epistemologia e a economia); mostrá-los o mais possível como sendo historicamente peculiares; evidenciar como suas reivindicações à verdade estão conectadas a práticas sociais e se tornaram, portanto, forças efetivas no mundo social. (2002, 80).

Rabinow enfatiza, no entanto, que não se tem a pretensão de substituir uma epistemologia por outra. Nem o ocidente por qualquer outro lugar. Apenas chama a atenção para o fato de que assim como o ocidente descreveu o outro, ele é e foi passível de ser descrito por outro ou outros que tentam conhecê-lo a partir de um olhar próprio e peculiar assim como peculiar ou "exótica" são e foram suas práticas ao longo da história. Por exemplo, se acredito que a utopia da felicidade que Europa persegue ao longo do tempo, conduz e conduziu a diversos e muitas vezes tortuosos caminhos, alguns contraditórios, movediços, rodeado de monstros reais ou imaginários. Outros heróicos, evocadores da paz, da liberdade, da cooperação e do Direito dos Homens, é preciso não esquecer que todas essas palavras engendram "práticas sociais" que se efetivaram em sociedade como tantas outras e em distintos lugares.

A busca da utópica felicidade, tal qual descrita por Frei Caneca e outros autores desde o Iluminismo do século XVII e XVIII, é aqui entendida como tema transversal das várias formas de interpretar e pensar Europa. É também a utopia de outrem que ao mesmo tempo em que é descrito, descreve. Sendo assim, ao recorrer a dois veículos diários de comunicação de massa (Jornal e Televisão), ambos através da internet, desejo identificar que imagens de Europa circulam fora do Continente e na medida do possível, em que contexto elas estão inseridas a ponto de convergir ou divergir dos muitos significados evocados para a palavra.

A linha editorial da Telesurtv é explícita em seu objetivo de contribuir para a construção de uma linguagem da América Latina, para o mundo e sobre o mundo. Uma leitura a partir de América, daquela ao sul do equador, no que ela tem para falar não unicamente de si, mas, a respeito do outro contribuindo desse modo para "formar e informar" os povos latino americanos, mas, também, os povos do mundo através de uma "cobertura global":

> La política editorial tiene como "Sur" contribuir con el proceso de integración de los pueblos latinoamericanos, basándose en la presentación de información contextualizada y balanceada". Sua missão é "Ser un canal de servicio público con cobertura global que, **desde el SUR***, produce y divulga

> contenido informativo y formativo para una amplia y leal audiencia; con una visión integradora de los pueblos[16].

A Folha de São Paulo, um Jornal privado que desde 1992 pertence à família Frias, já atravessou diversas linhas editoriais. O último grande projeto editorial foi lançado em 1997 e segue os mesmos princípios adotados desde 1981 que resultou numa série seis projetos editoriais. Desse modo, desde os anos 80 o jornal "estabelece como premissa de sua linha editorial a busca por um jornalismo crítico, apartidário e pluralista"[17] e no projeto editorial em vigor desde 1997, constatava-se que "o jornalismo terá de fazer frente a uma exigência qualitativa muito superior à do passado, refinando sua capacidade de selecionar, didatizar e analisar"[18]. Essa política iniciada na segunda metade dos 90 cuidou também da inovação gráfica do Jornal assim como definiu e orientou a política do Grupo quanto à informação por meio da internet com o portal Universo Online.

De todo modo as alterações pela qual passou o Jornal a começar dos anos 80 e depois durante os anos 90, devem ser vistas também como a adequação do mesmo as profundas mudanças que a sociedade brasileira passava. Atrelado ao antigo regime que estava a se decompor, precisou ele ajustar-se aos novos momentos que, não sendo bem definido devido às turbulências políticas do país pós-ditadura, fez surgir novos atores e grupos políticos e sociais que emergiam ameaçando os velhos e facilmente identificados grupos no poder.

Com a síntese das linhas editoriais de cada empresa de comunicação, uma estatal e uma privada, apresento um panorama inicial de como Europa é noticiada e como circulam seus usos e sentidos.

IV- Idéias circulantes

Com as devidas dificuldades acima descritas para acessar o motor de busca da TelesurTv que não dispõe de *links* específicos para os arquivos das notícias passadas, selecionamos um total de 44 notícias (somatório dos dois periódicos) sendo 10 da TelesurTv e 34 da Folha de São Paulo. Dentro do período mencionado (junho e julho de 2008), consideramos a margem de notícias do final de maio e do final de julho de 2008 (antes e depois) para assegurar que as mesmas não estivessem viciadas pelos acontecimentos dos dias 18 de junho e 1 de julho do mesmo ano. Descartamos nesse trabalho todas as notícias sobre futebol e qualquer outro esporte.

[16] Página oficial na internet. http://www.telesurtv.net/noticias/canal/index.php. Consulta em: 30/1/2010.
[17] http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto_editorial.htm. Consulta em 30/1/2010.
[18] http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto_editorial_texto_livre.htm. Consulta em 30/1/2010.

Adotei oito categorias de análise que orientaram a classificação da notícia. Todas elas se relacionam com as diferentes idéias de Europa que encontrei na literatura acadêmica especializada. São as seguintes: guerra, paz, espiritual, econômica, conhecimento / ciência, cultural, resistência, geográfica. Por se tratar de meios de comunicação de massa com produção diária de notícia, evidencia-se o "calor" do momento com o destaque de uma ou mais categoria em detrimento de outra/as. Provavelmente a elasticidade da delimitação cronológica de observação ajudaria a diminuir as disparidades entre uma e outra categoria apesar de mesmo assim, categorias como "economia" e "guerra" continuarem com tendência a estarem no topo das citações.

Talvez tais categorias venham a representar aquilo que Rabinow chamou de "historicamente peculiar". Ou seja, que na peculiaridade atual, a "economia" e a "guerra" seriam categorias representativas da historicidade presente de Europa o que a ligaria intimamente a peculiaridade da Europa em bloco. Como bem chamou atenção o professor Estanqueiro Rocha ao referir que com a Europa "politicamente unificada de Oeste a Leste, [deixaria] de ser abusivo identificar União Européia com Europa" (2004, 3).

Quanto às categorias eleitas, todas foram consideradas em elasticidade. Em parte porque nenhuma categoria é absoluta já que se entrelaça e se combina entre si e mesmo com outras aqui não consideradas. Segundo, para facilitar o manuseio do material e não criar categorias sem as quais não encontraríamos eco na literatura sobre o tema. Por exemplo, a categoria "economia" incluiu notícias que iam do campo da cultura (venda de novelas latinoamericanas para o mercado europeu ou novas maneiras de empresariar bandas de música), aos temas meio ambiente, produção de biocombustíveis e produção mundial de alimentos. Inversamente, a categoria "cultura" além de cruzar com temas da economia, englobou notícias que se relacionam com a "cultura do trabalho" ("Lula equipara dificuldades em lavoura a balcão"[19]), como também a notícias sobre a equivalência ou não da cachaça brasileira com outras tradicionais bebidas de alguns países europeus (vodka, uísque, brandies)[20].

Na categoria "guerra" foram incluídas todas as notícias que se relacionaram a conflitos de interesses e princípios envolvendo a Europa ou cidadãos europeus. Para além do significado literal da palavra, abrangeu notícias que tratou da nova política de imigração

[19] Folha de São Paulo, Brasil, 20/6/2008. In: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0206200807.htm. Consulta em 29/1/2010.
[20] Folha de São Paulo, Vitrine, 21/6/2008. In: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/vitrine/vi2106200808.htm. Consulta em 29/1/2010.

adotada pela União Européia – a Diretiva de Retorno, o referendo sobre o Tratado de Lisboa na Irlanda e a proibição do consumo de bebida alcoólica no metrô londrino. Ainda acrescentei a categoria "resistência" que apareceu ao longo da leitura das notícias e que não necessariamente nos referimos a ela em um texto específico durante o curso. Para além da idéia de "paz", outra categoria considerada, a idéia de "resistência" quer se referir principalmente àqueles movimentos de protestos europeus, oriundos da sociedade civil espontaneamente ou não, que se posicionaram com ações práticas diante dos principais temas de interesse da Europa atual. O que quero com isso? Quero diferenciar a reflexão em torno da idéia de uma Paz para e na Europa, reflexões em geral encabeçadas por intelectuais acadêmicos ou não (Ribeiro, 2002), ou representantes das grandes correntes artístico-culturais e política do continente, de uma prática mais enraizada no cotidiano, de resposta mais imediata e que na maioria das vezes, são pouco divulgados pelas grandes cadeias de notícia. A esse tipo de ação política chamo de "resistência".

Nota-se que para além do significado corriqueiro que cada categoria possui, cada uma foi enriquecida com novas funções significativas que em alguns casos a fez aparecer um número maior de vezes. O quadro abaixo traz uma síntese quantitativa dessa representação dos sentidos em que a palavra Europa aparece em cada um dos meios de comunicação. Evidencia-se que a linha editorial de cada empresa apesar de não ser determinante, coopera para que determinados significados apareçam mais que outros. É o caso da categoria "resistência". Enquanto no noticiário da TelesurTv ela aparece quatro vezes, na Folha de São Paulo só aparece uma vez quando noticia a greve dos trabalhadores franceses contra a flexibilização e o aumento do tempo de contribuição para a aposentadoria. O artigo refere-se cinco vezes, no espaço de três pequenos parágrafos iniciais, ao insucesso da paralisação, insucesso esse medido pela baixa adesão dos trabalhadores devido à ausência de união dos sindicatos[21]. Por sua vez, esta mesma categoria apareceu no noticiário da TelesurTv quase sempre nas matérias que trataram da Diretiva de Retorno aprovada pelo Parlamento Europeu. Ou seja, ao mesmo tempo em que noticiava o que os líderes europeus decidiam nas instâncias oficiais, procurava de alguma maneira demonstrar que a sociedade civil organizada ou não, na Europa, também reagia à notícia sobre a Diretiva. Dessa maneira, contribuía para quebrar a sensação de homogeneidade do pensamento europeu quanto a temas como imigração, constituição européia e OTAN que a organização e a disposição da notícia às vezes sugerem. Também em muitos casos, a imagem de uma homogeneidade européia tende a se confundir

[21] Anexo em CD-Rom

com a idéia de "civilização" em oposição a de não civilização na qual as sociedades do sul estariam supostamente inseridas.

As linhas editoriais de cada um desses veículos explicam em parte a maneira como as notícias são tratadas e expostas. A Folha de São Paulo visa um leitor individualizado. Cerrado em seu mundo cotidiano, flexível, pulverizado, atônito face às rápidas transformações.[22] O público da TelesurTv é pensado como um ser em relação. Não apenas com ele ou o mais próximo a ele, mas também e, sobretudo, preocupado em transformar o mundo, fazê-lo melhor, principalmente a partir do sul, mas em conexão com pessoas de todo o mundo que tenham o mesmo objetivo.

*Categorias Analisadas**	*TelesurTv*	*Folha de São Paulo*	*Total*
Europa da Guerra	10	14	24
Europa da Paz	3	0	3
Europa Espiritual	1	1	2
Europa Econômica	3	11	14
Europa do Conhecimento/Ciência	1	2	3
Europa Cultural	0	9	9
Europa Resistência	4	1	5
Europa Geográfica (Fronteiras)	2	3	5

* Em alguns casos uma notícia tem mais de uma categoria.

Assim, o quadro revela que as categorias mais recorrentes no noticiário do período foram "guerra" e "economia". A seguir temos as categorias "cultura", "resistência" e "geografia" como as mais citadas. Por fim aparecem as categorias "paz", "conhecimento" e "espiritual". Essa última é levemente insinuada na matéria em que o jornalista comenta um artigo escrito por Fidel Castro. Este veria no *consumismo* de Europa a razão de sua atual posição na política internacional, que culminou, inclusive, com o apoio ao ex-presidente americano G. W. Bush[23]. Essa fala sugere que mesmo Fidel Castro com sua crítica ao imperialismo, parecia ter em conta uma Europa cuja força moral e os valores mais íntimos de sua cultura estariam a se desvanecer ante a apelação do consumo e da ganância. Seguindo a mesma linha de raciocínio, temos a matéria da Folha de São Paulo com a seguinte chamada: *Fortaleza Europa – Da globalização, a EU só quer as vantagens; por elas, parece disposta a sacrificar as suas mais admiradas tradições*. As tradições admiradas, segundo o autor, são aquelas que lembram Europa como "berço do Iluminismo e da noção de Direitos Universais"

[22] História da Folha. *Círculo Folha*. Folha Online. In: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Consulta em 28/1/2010.
[23] Fidel Castro califica a EEUU y Europa como "dos lobos hambrientos". Consulta em 30/1/2010. http://www.telesurtv.net/noticias/secciones/nota/28041-NN/fidel-castro-califica-a-eeuu-y-europa-como-dos-lobos-hambrientos/

e que estariam a ser traídas pela atual classe de políticos europeus apelidados pelo autor de "políticos profissionais".

Nota-se, portanto, que a Europa das Luzes é lembrada não como uma prática socialmente localizada mas, porque uma noção Universal, com um forte caráter metafísico e a-histórico que, independente do cariz ideológico, surpreende a todos. Nesse caso, o diálogo impensável entre Fidel Castro e os dissidentes do Leste Patocka e Bibó teria na crítica ao consumismo e na perda de valores o seu ponto de partida? O mesmo aconteceu entre a TelesurTv e a Folha de São Paulo?

V- Reflexões finais

Pela dimensão e propósito desse trabalho, não pretendo nem posso chegar a conclusões formais a respeito do tema. Mesmo assim ele nos revelou a viabilidade e importância das mídias para entender os padrões de percepção do outro e como são operacionalizadas tais percepções para grandes públicos. No caso, a idéia de Europa na América Latina evoca sempre as relações coloniais que durante séculos dominaram ambas. Essas relações estabeleceram imagens que se construíram a partir de relações de força desigual. Desse modo ficam duas perguntas que continuam a servir como eixo condutor da reflexão que terá continuidade: a) que imagens Europa criou a respeito de si e que insiste permanecer ainda hoje na América Latina? b) tem-se permitido a circulação de novas percepções dessa entidade Europa que povoa os imaginários fora do continente europeu?

VI- Bibliografia

ANDRÉ, João Maria. **Interpretações do mundo e multiculturalismo: incomensurabilidade e diálogo entre culturas**. Revista Filosófica de Coimbra, nº 35, 2009, pp. 7-42.

BALTAZAR, Isabel. **Os "Estados Unidos da Europa": uma Nova Esperança em tempo de (Segunda) Guerra**. Revista Cultura, nº 19, 2004, pp.319-349.

BONEU, Mercedes Samaniego. L´Europe de Salvador de Madariaga. In: BACHOUD, Andrée, CUESTA, Josefina e TREBITSCH, Michel. (direction). **Les intellectuels et l´Europe de 1945 à nous jours**. Actes Du Colloque international Université de Salamanque, octobre, 1997. Pubications universitaires Denis Diderot, 2000. pp. 43-55.

BOSSUAT, Gérard. Citoyenneté ET lieux de mémoire pour l´Europe unie. In: BACHOUD, Andrée, CUESTA, Josefina e TREBITSCH, Michel. (direction). **Les intellectuels et l´Europe de 1945 à nous jours**. Actes Du Colloque international Université de Salamanque, octobre, 1997. Pubications universitaires Denis Diderot, 2000. pp. 131-136.

KENDE, Pierre. Les sens de La civilisation européenne selon István Bibó. In: BACHOUD, Andrée, CUESTA, Josefina e TREBITSCH, Michel. (direction). **Les intellectuels et**

l´Europe de 1945 à nous jours. Actes Du Colloque international Université de Salamanque, octobre, 1997. Pubications universitaires Denis Diderot, 2000. PP. 137-152.
LAIGNEL-LAVASTINE, Alexandra. La Double dissidence de Jan Patocka: entre pratique politique et européanité critique. In: BACHOUD, Andrée, CUESTA, Josefina e TREBITSCH, Michel. (direction). **Les intellectuels et l´Europe de 1945 à nous jours.** Actes Du Colloque international Université de Salamanque, octobre, 1997. Pubications universitaires Denis Diderot, 2000. PP. 137-152.
LARAT, Fabrice. L´Europe et sés grands hommes: leprix Charlemagne entre commémoration et distinction. In: BACHOUD, Andrée, CUESTA, Josefina e TREBITSCH, Michel. (direction). **Les intellectuels et l´Europe de 1945 à nous jours.** Actes Du Colloque international Université de Salamanque, octobre, 1997. Pubications universitaires Denis Diderot, 2000. pp. 263-278.
LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia**. 7ª Ed. rev. São Paulo: editora UNESP, 2007.
MOREIRA, Adriano. **A circunstância do Estado Exíguo**. 2ª ed. Lisboa: Diário de Bordo, 2009.
MUNFORD, Peter Mil-Homens. **Europa em crise ou crise da utopia Européia**. Reflexões à margem do Congresso Ideas of/for Europe. Brotéria, 169, out., 2009, pp. 563-568.
PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Lês fondements classiques de l´Idée Européenne**. HVMANITAS, vol. XLIX, 1997, pp. 25-39.
RABINOW, Paul. Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na antropologia. In: BIEHL, João Guilherme. (Org. e Trad). **Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. **A Europa dos Intelectuais nos alvores do século XX**. Estudos do Século XX, nº 2, 2002: 109-133.
ROCHA, Acilio da Silva Estanqueiro. **O "Rapto de Europa": hermenêutica e multiculturalismo**. Fórum 35, Jan.-Jun., 2004. p. 3-39.
SANTOS. Humberto. **Al Jazira latina? Telesur pretende integrar os povos latino-americanos**. In: http://casadosjornalistas.blogspot.com/2005/08/al-jazira-latina-telesur-pretende_17.html. Consulta em 31/1/2010.

Anexo 1

Da ditadura a democracia sem povo. 05/03/2009.

Mino Carta.

Há muitos anos, um ilustre jornalista usou de suavidade ao falar da ditadura nativa. Comparou-a com as outras do Cone Sul e decidiu ter sido bem menos feroz por ter matado um número menor de desafetos. À época, não houve reações. Talvez o profissional em questão tenha menos leitores do que imagina e do que imagina quem lhe dá guarida.
Que lições tirar do confronto? Na Argentina, um quinto da população brasileira, morreram 30 mil pelas mãos dos ditadores. No Chile, atualmente 16 milhões de habitantes, morreram cerca de 10 mil. No Uruguai, que não chega a 4 milhões de habitantes, 3 mil. No Brasil, algo mais que 400. Como disse o juiz de um filme sobre o processo de algozes nazistas, o assassínio de um único cidadão por agentes do Estado já configura ofensa imperdoável à humanidade.
Certo gênero de comparação serve apenas a solertes revisionistas. Não cabem dúvidas de que, caso a ditadura verde-amarela julgasse necessário, torturaria e mataria muito mais. Entendeu não ser preciso. Vale, de todo modo, concentrar a análise sobre o Brasil. Assim me parece, a partir das reações a um editorial da *Folha de S.Paulo* que expõe a peculiar ideia da "ditabranda", e da agressão cometida pelo jornal contra dois leitores indignados do porte de Maria Victoria Benevides e Fábio Konder Comparato.
Permito-me começar de longe, pela origem da perene desgraça nacional, a escravidão. Seus efeitos perduram

implacavelmente. Em primeiro lugar, na pavorosa, hedionda desigualdade social, que, segundo o Banco Mundial, nos coloca no mesmo nível de Nigéria e Serra Leoa em termos de distribuição de renda. Não observo nada de novo, mas faço questão de sublinhar.
Temos uma minoria exígua de privilegiados e fatia, de fronteiras mais ou menos imprecisas, de aspirantes ao privilégio. O resto vive no limbo. Milhões e milhões ali não têm sequer consciência da cidadania. Se algum progresso houve, foi irrisório. E não apagou a ignorância, o alheamento, a passividade, a resignação da maioria.
A escravidão representou o mais autêntico estágio da educação cultural do País. No povão deixou as marcas do chicote. À minoria ensinou prepotência, ganância, desmando. Impunidade. Arrogância. O deixa-como-está-para-ver-como-fica. A leniência com os pares (aos amigos tudo) e o rigor feroz com a malta infecta (aos inimigos a lei). Etc. etc.
O jornalismo brasileiro, desde os começos, serve a este poder nascido na casa-grande, por ter a mesma, exata origem. A mídia nativa é rosto explícito do poder. As conveniências deste e daquela entrelaçam-se indissoluvelmente porque coincidem à perfeição.
Observem. Basta que no horizonte se delineiem tímidas nuvens remotamente ameaçadoras à tranquilidade da minoria e os barões midiáticos formam a mais compacta das alianças para sustar o perigo. Exemplo clássico, embora não faltem outros aos magotes, é a campanha desencadeada depois da renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, destinada a desaguar no golpe de 64.
Por mais de dois anos, os editoriais dos jornalões invocaram a intervenção militar contra a subversão em marcha, até que o golpe se deu sem que única, escassa gota de sangue respingasse na calçada. Assim como faltou ao Brasil uma guerra de independência, carecemos de uma autêntica revolução popular. O golpe de 64 aconteceu e o povo brasileiro não saiu do limbo, de alguma forma nem se deu conta do evento. O qual só teve significado para quem, com o incentivo dos jornalões, organizava as Marchas da Família com Deus pela Liberdade.
Liberdade? A de confirmar e garantir o *status quo* que favorecia e favorece os eternos marchadores. Não era, digamos, a liberdade da Revolução Francesa, aquela que no Brasil não se deu (de igualdade nem sonhar). Não há dúvidas de que, em uma mesma época, podem conviver tempos históricos diferentes. Aqui, de inúmeros pontos de vista, ainda vigora a Idade Média.
Com o apoio, às vezes frenético, da mídia. A qual cuidou, *in illo tempore*, de sustentar a ditadura, mesmo depois do golpe dentro do golpe, perpetrado a 13 de dezembro de 1968, com o Ato Institucional nº 5. Dos jornalões, a partir de então, só o *Estadão* foi censurado, com regalias, no entanto, que outros não tiveram. Podia preencher os espaços cortados pelas tesouras censoriais com versos de Camões e receitas de bolo.
No caso, tratava-se de uma briga em família. O jornal da família Mesquita fora entre todos aquele mais empenhado em solicitar a intervenção militar e já tinha candidato para as eleições que se seguiriam ao fim de uma ditadura de prazo marcado para terminar a limpeza da casa: Carlos Lacerda, o governador de metralhadora em punho.
O resto da turma desta vez discordava, tinha diferente visão do futuro e dos próprios interesses da minoria. Lacerda foi cassado e o *Estadão* censurado. Tudo acabou em algo mais que presente. Um prêmio: o fim da censura no centésimo aniversário do jornalão, 4 de janeiro de 1975, celebrada com muita pompa e infinda circunstância.
Hoje o *Estadão* pretende para si o papel de vanguarda da resistência à ditadura, não registro, porém, a súbita convocação de assinaturas para um manifesto contra uma inverdade que não deixa de ser também bobagem curtida em mania de grandeza. Permito-me também chamar a atenção que até um ano atrás os jornalões cuidavam de evitar a palavra ditadura, sapecavam implacavelmente revolução em seu lugar. Ninguém protestou.
Agora a *Folha de S.Paulo* ofende consciências ao criar um novo vocábulo: ditabranda. Poderia dizer ditamole, soaria melhor aos meus ouvidos. Não sei quais foram os argumentos do editorial, que não li a bem do meu fígado. Talvez sejam os mesmos do remoto jornalista que comparava os números das vítimas das ditaduras do Cone Sul. Como se quem mata 400 não fosse capaz de matar 30 mil. (...)